



### **Discurso de posse da acadêmica Sueli Batista dos Santos, na Cadeira 34**

Dia 18 de novembro de 2014

Senhoras e senhores,

Boa-noite!

Cumprimento a todos os Acadêmicos e autoridades por meio do Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, Eduardo Mahon. Cumprimento meus familiares por intermédio daquela que me deu a luz do nascer, Almerinda Felipe dos Santos. Cumprimento a família do último ocupante da cadeira 34, João Alberto Novis Gomes Monteiro, por meio da sua esposa, Nilza Miranda Gomes Monteiro, e cumprimento a todos os meus amigos e amigas, por intermédio da minha companheira de longa trajetória, a presidente da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais – BPW Cuiabá, Mariza Bazo.

Salve, salve, a ancestralidade, saúdo Dom Aquino Corrêa, presidente de honra da Academia Mato-grossense de Letras. Saúdo Ana Luiza da Silva Prado, a primeira mulher a ocupar cátedra na Academia Mato-Grossense de Letras, quando ainda era o Centro Mato-Grossense de Letras.

As palavras do presidente Eduardo Mahon e da vice-presidente Elizabeth Madureira Siqueira muito me emocionaram. Externo, portanto, através da emoção sentida neste momento singular, a minha gratidão para

todos os acadêmicos pela acolhida tão calorosa desta noite, sintam-se todos abraçados com muito respeito e extremo afeto.

E por falar em extremo afeto, gostaria de citar a acadêmica Yasmin Nadaf, minha amiga e minha irmã de coração. Um presente de Deus na minha vida. Hoje Yasmin me colocou a pelerine, mas os laços nos unem desde a década de 80. Em 2004 a escritora me inseriu na dedicatória do livro *Presença de Mulher*, o qual tem também um verbete sobre a minha obra *Pássaro Passará* e citações de outras contribuições que dei à literatura. Yasmin, por certo, não imagina o quanto tocou meu coração com sua delicadeza e amorosidade fraterna.

“As Academias existem para que os seus eleitos e as suas obras jamais sejam esquecidos, mesmo depois da total extinção física”. Colhi a frase que acabei de ler da boa sementeira do jardim das letras do último ocupante da cadeira 34, João Alberto Novis Gomes Monteiro, que, ao ingressar na Academia Mato-Grossense de Letras, mostrou total compreensão sobre a imortalidade, que é a perenidade em relação ao que foi e ao que se produziu. Isso extrapola plenamente o biológico, que ele conhecia muito bem na sua atividade de médico.

A perpetuidade do meu nome e da minha obra, a partir desta data em que tomo posse da cadeira 34 na Academia Mato-Grossense de Letras, protege as minhas palavras e elas emolduram minha alma.

Nesta noite perenemente o meu nome fica junto com os nomes de ilustres imortais, que por suas obras e pelos bons feitos iluminam a Casa Barão de Melgaço e os eternos caminhos da vastidão da memória.

Recordo a primeira vez que entrei no casarão nobre que agasalha as letras mato-grossenses e que abriga a mais antiga instituição literária de Mato Grosso. No ano de 1986, quando eu era redatora e repórter do jornal *O Estado de Mato Grosso*, entrevistei o presidente da Academia Mato-Grossense de Letras, na época, o historiador Lenine Póvoas. Depois da entrevista, ele me presenteou com a obra autografada, *a História da Cultura Matogrossense*.

A semana é especial. Esta é uma noite muito especial em minha vida. Uma noite em que contribuo para exumar saudades e evocar memórias. Não posso ser instantânea, ao incursionar pela trajetória de quatro veneráveis

ligados à cadeira 34: o patrono, José Tomás de Almeida Serra, e os três ocupantes que me antecederam: Olegário Moreira de Barros, João Moreira de Barros e João Alberto Novis Gomes Monteiro.

### **O patrono**

José Tomás de Almeida Serra, patrono da cadeira 34, é considerado o maior poeta romântico de Mato Grosso. Nasceu em Cuiabá, no dia 7 de março de 1866. Ao esquadrihar sua biografia me surpreendi, primeiro, porque ele teve uma passagem fugaz pelo plano terreno e, segundo, porque este tempo de vida breve foi muito marcante. Foi prodigioso: poeta, jornalista e escrivão dos Feitos da Fazenda Militar. Ele iniciou seus estudos no Seminário Episcopal da Conceição, porém declinou da carreira eclesiástica. Colaborou em diversos veículos jornalísticos, dentre eles *A Situação*. Em 1889, aos 23 anos de idade, no apogeu de sua juventude, contraiu tuberculose e prematuramente a morte interrompeu seus sonhos, mas a chama imortal de suas obras o animou.

Diversos poemas foram escritos por José Tomás e, por meio do seu sobrinho, Arnaldo Olavo de Almeida Serra, que cultuava sua memória, foram resgatados e confiados os originais para o escritor José de Mesquita, que os guardou por muitos anos. Quando Mesquita presidiu a Academia Mato-Grossense de Letras, na época que esta comemorava seu ano jubilar, 1946, publicou o livro do patrono da cadeira 34, na série intitulada *Estante Matogrossense*, que visava à divulgação da produção literária de escritores de Mato Grosso.

Disse José de Mesquita, ao tornar pública a obra de José Tomás, que abrindo o seu livro de poesias o fazia com verdadeira emoção, quase religiosa, assim como quem descerra um relicário ou um escrínio de gemas. O historiador Rubens de Mendonça, na obra *Dicionário Biográfico Matogrossense*, descreveu José Tomás como um “verdadeiro corifeu do romantismo”.

Dentre os poemas que li de José Tomás a composição *Câmara de Virgem* mostra que, através da sua imaginação lírica, ele dava vida para versos inquietos, amorosos, arrebatados e carregados de prazer.

*Quando a luz do luar bate-lhe em cheio*

*Nas formas de primor escultural,  
julgo fitar a Vênus sensual,  
num langue, voluptuoso devaneio  
No suave ondular do lindo seio,  
Julgo ouvir uma música ideal,  
Que me transporta a plaga celestial  
De uma aurora louçã ao bruxoleio  
Sinto, então, essa febre de desejos  
Que nos acende a fruta proibida  
No mais doce e propício dos ensejos  
E vendo-a semi nua, adormecida  
cubro-a de um turbilhão de beijos:  
“morte, morte de amor, melhor que a vida!”*

O coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, que se tornou herói ao defender em 1801 o Forte de Coimbra, por certo sentiria um orgulho especial do patrono da cadeira 34, seu filho. Heroicamente, sem precisar de armas, José Tomás de Almeida Serra conseguiu, com sua pena inspirada, fazer a própria vida se mover entre cada um de seus versos. A cada época, ao ser reverenciado, ele vive sua epopeia. Seu poema de longo fôlego sempre terá eco além das grandes portas e janelas da Casa Barão de Melgaço.

### **Sobre os ocupantes**

O primeiro ocupante da cadeira 34 foi Olegário Moreira de Barros, que era também um homem de carreira plural: bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e jornalista. Participou indiretamente do processo de redemocratização do país, na transição dos governos de Getúlio Vargas e Gaspar Dutra. Ele ocupava, em 1945, o cargo de presidente do Tribunal de Justiça, para o qual fora eleito quando assumiu como interventor do Estado de Mato Grosso, até a queda de Vargas. Faleceu no dia 6 de janeiro de 1969, na cidade de Corumbá.

O segundo ocupante da cadeira 34, João Moreira de Barros, era cuiabano, nascido em 3 de março de 1914. Tinha muitas afinidades com o

primeiro: o sobrenome, embora não pertencesse aos mesmos laços familiares, e a carreira, ligada ao Jornalismo e ao Direito. Ambos foram chefes de polícia. No Tribunal de Contas do Estado, onde trabalhou, deixou importante contribuição literária através de vários livros publicados. Faleceu aos 11 de abril de 1987.

Resumi em poucas linhas a biografia dos primeiros ocupantes da cadeira 34 para me ater mais à biografia daquele que estou sucedendo. João Alberto Novis Gomes Monteiro, filho de família tradicional mato-grossense. Nasceu em Cuiabá, no dia 23 de março de 1931 e faleceu no dia 29 de dezembro de 2006, na sua terra natal. Médico, poeta, escritor e cronista. Formou-se no Rio de Janeiro, em 1955, na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e na sua profissão trabalhou naquele estado, e também em Mato Grosso, onde atuou na iniciativa pública e privada, sempre na área de medicina, sua especialização, ginecologia. Atuou em prefeituras, em órgãos de governos estadual e federal, hospitais de caridade e hospitais privados. Da década de 50 à década de 80, foram relevantes suas atividades, no Rio de Janeiro, Corumbá e na capital mato-grossense, no cargo de chefe da Medicina Social Local do Inamps, de Cuiabá-MT. Médico, poeta, historiador, escritor, biógrafo e contista. Foi também membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e reconhecido nacionalmente ao receber a Medalha João Ribeiro, comenda outorgada pela Academia Brasileira de Letras. Foi professor universitário e tem seu nome no Centro Estudantil de Medicina da Universidade de Cuiabá (Unic), onde lecionou História da Medicina.

Em 10 anos, de 1991 a 2001, publicou os seguintes livros: *Ouvindo Cachoeiras*; *O Boateiro e sua janela mágica*; *Histórias do Velho Mato Grosso*; *Vidas roubadas: romance policial de ficção médica-científica*; *O Gênesis segundo um João: conceitos sobre a origem do homem, face aos conhecimentos científicos atuais e Pequena viagem pela História da Medicina*. Contribuiu ainda com vários artigos para a imprensa mato-grossense.

Ao folhear o livro *Ouvindo Cachoeiras*, publicado em 1991, tive a impressão de sentir o coração pulsante de um médico que deixou seus escritos para que as futuras gerações compreendessem e refletissem sobre o

significado da vida. Em todas as suas obras nota-se que seu texto é de linguagem simples, ele não gostava do “difícilguês” (termo que atribuiu à forma difícil e complicada de se expressar em nossa língua). Em *Ouvindo Cachoeiras* cheguei a ver o Dr. João num instante ímpar de suas divagações, num ambiente natural, no vale do Aricá-Mirim. Parecia até egoísmo, ele absorvido com seu eu, sem se preocupar com as brincadeiras da família, na grande piscina natural que se formava aos pés da pequena cascata. E naquele curto espaço de tempo, fez seu momento dialético, do qual colhi um trecho que revela sutileza e a grandeza de um homem pássaro:

“Se havia satisfação em ser dono legal de toda aquela maravilhosa natureza, a mesma estava sendo turvada por não ser, eu, o dono da minha própria saúde. Imaginei que, feliz mesmo, seria aquele passarinho que não tinha a escritura da árvore que habitava mas era uma harmônica parte integrante daquele ambiente. Porém, logo me ocorreu que os passarinhos, como todos os animais irracionais, eram movidos apenas pelo instinto: não tendo consciência da felicidade, o máximo que poderiam ter era a satisfação momentânea pelo atendimento de uma necessidade instintiva. Neste ponto levam, eles, vantagem sobre os racionais que criaram, a imagem de uma felicidade plena, que nunca poderão alcançar nesta vida.”

Eu conheci João Alberto Novis Gomes Monteiro pessoalmente, e não apenas através de sua história. Ocorre, entretanto, que passei a conhecê-lo melhor através dos seus livros. Pude saber da sua infância, das suas conquistas, do seu cotidiano, de sua família, seus amigos, e peculiaridades das cidades onde viveu: Rio de Janeiro, Corumbá e Cuiabá. Conheci sua capacidade de transformar fatos do cotidiano em crônicas, mas também sua coerência, crença e convicções, e seu caráter leal de respeito pelas tradições. Seu lado divertido e humano. Não usava as páginas de seus livros para passar ideias nas quais não acreditava. Era um *gentleman*.

No dia 8 de setembro do ano 2000, eu recebi o ofício de número 124, da Academia Mato-Grossense de Letras, que era assinado pelo então presidente, João Alberto Novis Gomes Monteiro, que dizia: “Senhora jornalista, a Academia Mato-Grossense de Letras agradece toda a colaboração que tem recebido de Vossa Senhoria na divulgação de seus eventos, numa clara demonstração de

valorização da nossa Cultura. Saudações cordiais”. Não sonhava, naquela época, ingressar na Academia e tampouco ocupar a cadeira 34, cujo último ocupante reconheceu meus méritos enquanto jornalista que tinha na Casa Barão de Melgaço sempre boas pautas.

Tenho muita honra de tomar posse na cadeira 34, sucedendo o renomado médico e escritor João Alberto Novis Gomes Monteiro. A vida nos aproximou em dois momentos, primeiro através dos laços profissionais e segundo por uma afinidade com membros de sua família, pois me tornei amiga de sua filha Rosalie Monteiro, e também estabeleci laços de amizade com sua esposa, Nilza, seus filhos, noras, genro e netos, frequentando sua residência em Cuiabá e até comemorando, juntos, a entrada de um novo ano, na sua casa de veraneio em Chapada dos Guimarães. Faleceu entre o Natal e o Ano Novo, em 2006, antes dos acordes de uma nova aurora de 2007, o ano em que completaria suas bodas de ouro com Nilza, a amada de uma vida inteira. Estivemos juntos numa mesma oração, velando o corpo do Dr. João por uma noite inteira, sem nos abater pelo sono. Muito me emocionou a solicitação da família para que eu escrevesse o texto da homenagem póstuma, entregue na missa de sétimo dia de sua partida.

O confrade Lourembergue Alves deixou registrado num periódico da capital a saudade por tão grande perda do ocupante da cadeira 34.

“A morte não é outra coisa senão a ausência de vida, o que, dito de outra maneira, a não companhia física de uma pessoa. Por conta disso, e não sem razão, os que ficam por aqui, no espaço terrestre, desde parentes, admiradores e até amigos, passam a conviver com a saudade, que é alimentada dia a dia pela falta sentida. Sensação só reconfortada pela lembrança do ausente fisicamente, constituída de seus feitos, qualidades, defeitos e maneira bem particular de ser.”

Talvez seja pela amizade que tanto me une à família Gomes Monteiro, por tanto desprendimento e confiança, foi aceita a minha sugestão para que fosse doado o acervo do último ocupante da cadeira 34 para integrar o patrimônio da Casa Barão de Melgaço. Isso me possibilitou entrar neste casarão com a primeira, de tantas contribuições que pretendo prestar.

Busquei saber qual o fio tênue que poderia me ligar às trajetórias dos quatro veneráveis aqui citados. A poesia? A contribuição à imprensa? O comprometimento com a história? A vida pública ilibada? Poderia ser tudo isso, mas na pesquisa encontrei algo muito forte, e que talvez por todos esses anos passara despercebido. Todos nasceram em março, que há algumas décadas tornou-se o mês mais feminino do calendário. Mas o que isso teria de relação comigo, que nasci no dia 28 de julho? Esta pergunta pode ser respondida através do trabalho voluntário e hercúleo que desenvolvo em prol do empoderamento e do empreendedorismo feminino, na Business Professional Women (BPW), sigla da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais. Há 12 anos criei, na organização, um dos maiores projetos do país em comemoração ao terceiro mês do ano, o Março é Mulher.

A professora Elizabeth Madureira Siqueira fez a minha saudação de recepção. Foi com riquezas de detalhes dos passos profissionais que dei que o fez. Eu gostaria, entretanto, de acrescentar algo mais em relação aos que poucos conhecem de mim.

Desde a minha verde idade, há quase 50 anos, me dedico às letras. Pouco antes de completar nove anos, no grupo escolar, deixei Vicentina, a minha professora, surpresa e muito encantada com uma história em quadrinhos que produzi. Eu nunca tive habilidade para o desenho, mas os rabiscos mal delineados ganhavam destaque mais pela mensagem que eu transmitia. Ter sido elogiada na escola, na fase inicial dos meus estudos, foi importante estímulo.

Lembro-me de que os quadrinhos que encantaram a minha professora primária referiam-se à história de três personagens do imaginário infantil, que igualmente dividiam o protagonismo: um fantasma, um marciano e um saci, que queriam assustar os humanos. Em resumo, os personagens ficaram apavorados com a violência que viram e partiram na nave espacial do amigo marciano, na tentativa de juntos descobrirem um novo mundo. O contexto de minha narrativa, entretanto, era mais do que fruto de uma imaginação fértil, mas a própria vontade que eu tinha desde menina de mudar o que me afligia.

O presidente Eduardo Mahon acabou de dizer que eu poderia me chamar Sueli Coragem e isso me conduziu a uma reflexão, que já me sinto à vontade para compartilhar. Há experiências na vida que facilmente são deléveis, e outras não. Nos meus pequenos escritos, por muitas vezes deixei as composições caminhar entre pedras e punhais, e atribuo isso a muitos fatos ocorridos na minha infância e juventude. Minha trajetória nem sempre foi doce e teve grande parte de amargos, com doses muito difíceis de engolir, principalmente no meu lar, marcado pela beleza poética, pela sonoridade



musical, mas também pelo grande impacto da violência doméstica. Mesmo chocada com a realidade preferi não fechar meus olhos e vislumbrar sempre um mundo melhor.

Meu pai tinha dons artísticos, tocava gaita e cavaquinho, cantava, participava de programas de rádio, compunha versos, fazia caricaturas e atuava em cinema. Na época em que se casou fez papel importante no primeiro filme *Lampião, o Rei do Cangaço*, e exibia sua foto de ator, em local de destaque, na sala de casa. Por sua pluralidade ele era uma espécie de ídolo para mim e para meus três irmãos. Seu furor em momentos etílicos, entretanto, feria não só a alma daqueles que o amavam. Quando transitei da juventude para a idade madura, sem a presença paterna passei a compreender a frustração do meu pai. Apesar dos múltiplos talentos ele não conseguiu ascender socialmente. Faleceu aos 47 anos de idade, sendo o vigia da caixa d'água do Departamento de Águas e Esgoto de São Paulo. Minha mãe, que muitas vezes sofreu calada, sempre deixou florir nossa casa com seu ser poético e encantador. Buscava espaços componíveis para expressar a dor com a qual aprendeu a conviver desde a infância, quando ficou órfã de pai e mãe. Quase uma menina, em vez de ninar bonecas, acalantava os sonhos do seu primogênito. Meu pai e minha mãe, cada qual a sua maneira, me inspiraram e eu agradeço com o coração carregado de amor incondicional, e sem nenhum rancor, a chegada até aqui.

Meu pai sempre me apoiou nos estudos primários, mas não me estimulou a prosseguir além do curso ginásial. Minha mãe sempre caminhou do meu lado na busca do saber. Ao contrário dos meus três irmãos, Luiz Carlos, Sérgio e João, eu sempre acreditei que a educação me levaria aos mais longínquos lugares, fui a única que concluiu os estudos colegial e universitário. Legitimei através dos estudos o que hoje tenho como convicção. Por eu ter estudado mudei totalmente minha trajetória. Deixei a casa de minha mãe e conquistei o que talvez meu pai tanto desejasse para si. O reconhecimento pelos méritos.

Por eu ter estudado, percorri por vários caminhos, da Europa, do Oriente Médio, da África, da Ásia e das Américas. Visitei templos, ruínas antigas, museus, coliseus, monumentos, e muitos outros pontos histórico, social e cultural. Aprendi, nos vários percursos, algo mais do que li nos livros.

Por eu ter estudado, recebi mérito em um dos imponentes auditórios da Sede da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque. Retornei ao prédio da ONU em fevereiro de 2011, como membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, acompanhando a delegação chefiada pela ministra da Mulher, Iriny Lopes, na 55ª Reunião da Comissão das Nações Unidas sobre o Status da Mulher (CSW 55), que teve como tema "Acesso e participação das mulheres e das jovens à educação, à formação, à ciência e tecnologia.

Por eu ter estudado, chefieei uma delegação da BPW Brasil a Helsinque-Finlândia, quando falei para mulheres de negócios e profissionais de várias partes do mundo sobre o Programa BPW de Desenvolvimento Sustentável que criei e coloquei em prática em nosso país.

Por eu ter estudado, integrei como membro do Comitê Gestor, as missões internacionais do Prêmio Sebrae Mulher de Negócios aos maiores centros de empreendedorismo do mundo, na Itália e na França.

Por eu ter estudado, palestrei para representantes de 42 países, no Fórum Internacional sobre Mulher e Desenvolvimento Sustentável, em Beijing, China, que antecedeu a Rio + 20, com o tema “Economia Verde e Responsabilidade Social Corporativa”, organizado pela All-China Women's Federation. Na mesma época caminhei na Grande Muralha da China, e foi de lá que muito, muito distante do meu país, eu mais refleti sobre as minhas conquistas.

Hoje a minha alegria por tudo que conquistei é ainda maior. Por eu ter estudado, ocupo a cadeira 34 da Academia Mato-Grossense de Letras e tenho o meu nome perpetuado na história. Debruço-me sobre a luminosidade visível e invisível, transmitida pela luz, energia vital de tantos saberes. Hoje me entrego a luz lilás da fé e da espiritualidade. Foi com a luz lilás, sem a pretensão de ousadia, que vesti este casarão secular.

Manoel de Barros, o nosso poeta maior, a quem deixamos hoje nosso tributo através de um minuto de silêncio escreveu:

“Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu passado”

Não só como poeta eu tive que percorrer estradas e perceber a minha identidade, mas a poesia sempre significou um espaço mais leve no meu caminhar. Hoje, com os pés presos na realidade, entrego minha cabeça aos sonhos, já sonhados por aqueles que me antecederam. A perpetuidade do meu nome e da minha obra, a partir desta data em que fui empossada na cadeira 34 na Academia Mato-Grossense de Letras, protege as minhas palavras e elas emolduram minha alma. Entro na Casa Barão de Melgaço radiante, com muito orgulho e respeito, pronta para somar, unida na paixão pelas palavras e no culto às tradições.

Muito, muito obrigada.

**Sueli Batista dos Santos**

